

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Numero 279

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

8.º Anno

O ESPIRITO DEMOCRATICO

Quanto mais pensamos na questão franceza, mais desprezo sentimos pelos politicos republicanos e mais admiração pelos principios que elles dizem representar. Porque a verdade é esta: a republica franceza não deve o seu triumpho, desde a primeira hora, senão á corrente invencivel das idéas.

Nem Mac-Mahon, nem Boulanger, nem todas as imbecilidades dos republicanos, conseguiram derribar a republica, por esse unico facto. Os principios democraticos fizeram o seu caminho. Penetraram o paiz, a pouco e pouco. Abalaram as convicções dos mesmos que dizem odia-los. A luz fez-se, embora lentamente. A verdade impoz-se. E quando chegou a hora de proceder, faltou o espirito de decisão, que a mentira não pôde nunca produzir. Faltou a coragem, a verdadeira coragem, que só da convicção deriva. Os conspiradores sentiram sobre si o peso tremendo das responsabilidades, e não tiveram a força, que só a consciencia dá, para arrostar com ellas. Quedaram-se, indecisos, reecosos, pusillanimes.

Em pleno regimen republicano, os officiaes militares não podiam, mais ou menos, deixar de estudar a solução republicana. Olharam em roda, olharam para o passado, olharam para o futuro, e exclamaram, como o general Jourdy, como o general Jung, como o general Thoumas, como o general Bounal, como o general Maillard, como tantos outros:

«Mas o que vamos nós fazer?»

Com os estudos profundos d'esses homens, que exercem a direcção espiritual do exercito francez, d'esses homens, que não são republicanos, chegou-se á conclusão, claramente expressa pelo coronel Foch nas suas lições da *Escola superior de guerra*, que a *Revolução não foi sómente philosophica, social, politica, mas tambem militar*.

Demonstrou-se que a Republica tinha feito uma escola, e a *tactica republicana* foi proclamada a tactica creadora, a tactica reformadora por excellencia, em que primeiramente se inspirou Bonaparte, e, mais tarde, Moltke e todos os generaes que fundaram o imperio allemão.

Viu-se bem a inferioridade do exercito de Napoleão, relativamente aos exercitos da Republica. Nos exercitos da Republica, esereve o general Jourdy, obedecia-se para bem servir o seu paiz. Nos exercitos de Napoleão para agradar a um homem.

«A fé militar que impellia os famintos do cerco de Maubenge a lançar o pão á cara dos austriacos, e os soldados de Hoche a pôr em leilão os canhões do inimigo antes da batalha, tinha sido substituida pela adoração do *petit Caporal*. Elle, do alto do pedestal, que tinha erguido a si proprio com a sua finura italiana, tolerava no soldado uma ponta de familiaridade que mais fazia sobresahir o seu poder absoluto. Affectava, pelo contrario, desde 1797, tratar d'alto os generaes, e se Lannes sabia fazer-se respeitar, o marechal Berthier, seu proprio chefe d'estado maior, soffria-lhe todo o peso da sua dominação ciosa. «Observae estrictamente as ordens que vos dou; executae pontualmente as minhas instrucções; que todo o mundo se conserve attento e no seu posto. Só eu sei o que se deve fazer.» Queria ser o unico a mandar, o unico a prever, o unico a ordenar. Este systema, muito favoravel á sua gloria, era detestavel para a força real dos seus exercitos, porque, debaixo de tal ferula, o orgão essencial

existiu, e os seus tenentes, homens de grande reputação comtudo, ficavam de tal modo desorientados na sua ausencia, que, sem elle, não sabiam o que haviam de fazer, como as campanhas de Hespanha e as de 1813 o demonstraram. O soldado, tão brilhante antes d'esta absorpção, já não soube sustentar o seu valor senão debaixo dos seus olhos. A tempera admiravel, a tempera forte dos exercitos da Republica appareceu falsificada, e a solidez d'esse exercito maravilhoso que elle experimentou de Rivoli até Marengo passou a valer unicamente pelo pulso (*mão de redea*) que a Santa Alliança fez desaparecer. E depois não restou nada. Nem mesmo a lembrança! O espirito das instituições militares degenerou visivelmente sob a sua mão brutal.» (General Jourdy—*L'Instruction de l'Armée française de 1815 a 1902*).

Faltava-lhe o espirito democratico que tinha animado, aquecido, entusiasmado os exercitos da Revolução. Extinguiu-se a iniciativa, sem a qual não ha grandes acções, ou não ha nunca, pelo menos, uma *acção continuada*. «A obediencia passiva, dizia o general Bounal nas suas lições da *Escola superior de guerra*, foi a unica, a suprema lei. A noção da *disciplina activa*, que comporta uma parte tão grande de virtudes moraes e de qualidades intellectuaes, dormitava no tumulo dos Hoches e Marceau.» (1)

(1) Generaes puramente republicanos.

A *poussée* republicana era de tal ordem que exercitos de camponezes, de *sans-culottes*, de maltrapilhos, quasi nus e sem pão, infigiam derrotas formidaveis aos mais solidos exercitos do mundo.

«O entusiasmo popular suppriria, nos primeiros recontros, a falta de armamento e de tactica. As tropas inimigas, bem armadas, bem disciplinadas e bem commandadas, voltam as costas a um montão de pobres diabos, cujos gritos, cujos gestos, cujo olhar inflammado lançam o espanto no meio de tropas exercitadas em todas as peripecias do combate. A fé patriótica triumphou da experiencia militar até adquirir, a seu modo, processos de guerra que lhe tornam segura a victoria.» (Jourdy, obra citada.)

Esse espirito democratico, posto em relevo pelos mais celebres escriptores e professores, pelas maiores auctoridades militares, mesmo pelas que não sentem amor nenhum ao regimen republicano, é hoje um facto incontestado em todo o exercito francez. Os officiaes reconhecem-no muito bem. Não dizem, como os republicanos: «Percebem que a França andou aos trambolhões por a terem desviado da corrente fatal das idéas, postas em circulação pelo grande movimento revolucionario. Vêem que uma mudança de instituições viria hoje produzir uma maior perturbação ainda, um simples compasso de espera com todos os inconvenientes das interinidades, um desvio inutil. Sobre elles proprios se exerce, ainda que não tenham plena consciencia d'isso, a influencia do tempo e das idéas. E debatendo-se na lucta entre o passado e o presente, agitando-se entre sentimentos oppostos, não se atrevem a aproveitar o resultado da imbecilidade dos republicanos impondo um movimento revolucionario.

E assim se demonstra, eloquentemente, como a força dos principios é maior que a vontade dos homens!

Mas se a imbecilidade republicana não conseguiu destruir a republica em França, conseguiu, pelo menos, embaraçar notavelmente a marcha das idéas, fazendo-as decorrer em sobresaltos continuos e não tirando d'ellas metade dos seus fructos. E não terá a França, comtudo, homens eminentes na politica republicana? Tem, mas a esses nunca a inveja, o grande mal das democracias, os deixou triumphar. Lá, como cá, como em toda a parte. E' o grande mal das democracias. Os homens de verdadeiro valor não triumpham. Detem-os a inveja, quando não os inutilisa a calunnia. Contra elles conspira

sempre toda a grande corja dos insignificantes. Todo o esforço dos miseraveis se concentra em os annullar, ou, pelo menos, em os impossibilitar. E sendo enorme a cohorte dos imbecis, e comprehendendo os imbecis muito melhor os intrigantes do que comprehendem os grandes homens, os recursos d'intelligencia que estes possuem bastam para demonstrarem o seu valor, mas não chegam para lhes dar uma victoria.

Eis o grande mal!

Triumphou em França, facilmente, um imbecil como Faure, um parlapatão como Carnot, e só por engano triumphou um homem da estatura de Combes. Só por engano. Nunca suppozeram que elle valeria tanto. Se o suppozessem, nunca o teriam levado ao poder. E depois d'elle lá estar, já o teriam derribado ha muito se não se sentissem com a *corda apertada na garganta*.

Mesmo assim, é para nós muito duvidoso que o deixem chegar ao fim.

Para estes factos chamaríamos a *attenção dos republicanos* por tem juizo apprende nos exemplos alheios—se elles, coitados, não andassem agora tão entretidos em arranjar mais um santo para a Igreja republicana.

E d'isso vivem.

Aos nossos assignantes

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que estamos procedendo á cobrança das assignaturas. Esperamos dever a todos o favor de pagarem logo que lhes seja apresentado o recibo, a fim de nos serem poupadas despesas e trabalho com nova apresentação de recibo.

Aos nossos assignantes das localidades onde o correio não faz cobrança pedimos o favor de nos mandarem a importancia em vales do correio.

Esperamos de todos a fineza de accederem ao nosso pedido.

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Cirurgica do Porto
CLINICA GERAL
Consultas todos os dias das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora
R. dos Mercadores — AVEIRO

O tempo

Tem invernado estes dias horriavelmente, vendo-se já lama e agua por toda a parte.

E andamos assim. Ou tudo ou nada.

A instrucção do soldado

Sob este titulo lê-se nas *Novidades*:

Sr. Redactor.

Só hoje li as *Novidades*. Ainda esta semana não tinha podido ler jornaes. Apresso-me, agora, a responder á carta do sr. padre Lobato.

Não fui eu que dei as escolas regimentaes por liquidadas. Foi sua excellencia o ministro da guerra. Foram os commandantes dos corpos do exercito. Foram os capitães directores das escolas regimentaes. Foram os padres capellães professores do 1.º curso.

Quer ver o sr. padre Lobato?

«Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra.—Direcção Geral—3.ª Repartição.—N.º 273 A.—Lisboa, 31 de outubro de 1900.—Circular.—Tendo muitos commandantes dos corpos (o sublinhado é meu) informado que, por falta de casas para aulas com a capacidade sufficiente, deficiencia de material de ensino e outras circunstancias (estas, que se não dizem, eram precisamente as mais importantes) é nullo o aproveitamento da quasi totalidade dos alumnos analfabetos que se matriculam no 1.º curso das escolas regimentaes por occasião da incorporação do contingente annual, não podendo, ao mesmo tempo, os professores dedicarem especial cuidado ás praças que já leem alguma instrucção e que poderão obter os conhecimentos exigidos para ascender a 1.º cabo, determina S. Ex.ª o ministro que, provisoriamente, enquanto subsistirem as difficuldades acima apontadas, não tenha inteira applicação a 1.º curso voluntaria para os recrutados analfabetos e só obrigatoria para os mancebos que possuam algumas noções de leitura, e que haja probabilidades de que durante o periodo de instrucção de recruta adquiram os conhecimentos necessarios para poderem ascender a 1.º cabos.

(a) Francisco Hygino Craveiro Lopes, general de divisão.»

Já vê o sr. padre Lobato.

Os commandantes dos corpos não procederam, evidentemente, sem informação dos capitães directores das escolas regimentaes. Os directores das escolas regimentaes não informaram, evidentemente, sem consulta dos padres capellães, professores do 1.º curso. Todos estiveram de accordo, e com elles a 3.ª repartição do ministerio da guerra, depois a direcção geral, por ultimo o sr. ministro, em que era nullo o aproveitamento da quasi (este quasi foi por cerimonia) totalidade dos alumnos analfabetos que se matriculam no 1.º curso e que as escolas regimentaes só teriam algum proveito admitindo á matricula apenas os mancebos que dessem probabilidades de poderem ser habilitados ao exame de 1.º cabo durante o periodo de instrucção de recruta. Este é o rigoroso espirito da circular. O espirito e a letra. E' certo que falla em matricula voluntaria para os analfabetos e em matricula obrigatoria para os mancebos que tenham algumas noções de leitura. Mas isso, já o disse, é a logica á bulha com o decoro.

A verdade é que só se pretendeu que fossem ensinados os recrutados capazes de se habilitarem em tres mezes, ou pouco mais, ao exame de 1.º cabo, e a verdade é que é isso o que geralmente se faz.

Faz-se mais na Covilhã? Muitos parabens ao sr. padre Lobato. Não fica por isso alterado o valor dos factos, nem invalidada a minha argumentação. Tenho um quinhão n'esses triumphos, e apresso-me a reclamá-lo.

Já consegui que as questões de ensino escolar no exercito se discutam largamente, que se preparem cabos com abundancia, que se ensinem analfabetos á farta, que os mesmos que demonstraram que as escolas regimentaes não serviam para nada pretendam agora demonstrar que servem para muito.

Esse quinhão de gloria pertence-me, e já agora é unico que me resta. O mais, foi-se tudo por agua abaixo.

O honrado capellão, anónimo, da *Revista de Infantaria*, havia insinuado que eu ardeava servicos, quando, afinal, não fazia coisa que se visse comparada com a obra das escolas regimentaes.

Cartas d'Algueres

9 DE DEZEMBRO.

taos de infantaria 2, de infantaria 5 e de caçadores 5. O sr. padre Lobato completa formalmente esta demonstração.

Bravo. Dou a mão á palmatoria. Já aqui não está quem fallou.

Eu podia duvidar, que S. Thomé também duvidou, e nem por tal motivo incorreu nas iras da divindade. Até foi uma das razões que o levou a santo. Mas o sr. padre Lobato tratou-me com tão extremada cortezia que me reduziu á condição de não tugar nem mugir. Apre, que me metteno uma rolha na bocca. Se fosse menos cortez ter-me-hia deixado um bocadinho de folga.

Admiro-me, sr. padre Lobato, admiro-me. E só o que lhe posso dizer.

Admiro-me d'essa magnifica sala que leva 162 alumnos, quando a de infantaria 23, que eu julgava das melhores, não leva nem metade. Bella sala!

Admiro-me d'esse poder de multiplicação que v. ex.^a possui, e pelo qual pôde ensinar ao mesmo tempo homens que só sabem ler, homens que só sabem ler e escrever, homens que não sabem ler nem escrever, homens que lêem bem, homens que lêem mal. Salvo se tinha bons monitores. Mas ainda ahí me admiro de que os tivesse.

Admiro-me de que, sobreabrigado com o encargo de ensinar homens com tamanha desigualdade de conhecimentos, pudesse, com poucas lições, pôr a ler, escrever e contar 102 homens em 122 alphabets. Com poucas lições, sim, porque depois de terminada a instrução da recruta, raros são os dias em que os homens podem ir á escola. Sem contar com as grevas e com a instrução de tiro em Penamacôr.

Nós, por cá, não fazemos nem metade. O professor interino da escola regimental, aliás intelligente e muito applicado, ainda hoje me disse: «Eu não posso ensinar a valer mais do que trinta.» Trinta dos taes que já teem noções de leitura, é de vêr.

O sargento Amaral vê-se a perros com meia dúzia de alphabets, com sete seculos e meio de bruteza em cima do lombo que os tornam duros como rochas. O 2.^o sargento Vasconcellos, coitado, que é frenético, —estou-me referindo agora ao ensino da minha companhia —já perdeu dois kilos de peso, em 16 dias de licença, a ensinar outros seis alphabets. «O meu capitão, dizia-me ha dias n'um impeto de desespero, eu serei capaz de fazer um burro sabio, mas d'estes homens não sou capaz de fazer coisa nenhuma.»

E tinha sua razão. Oh! bruteza. A bruteza profunda do meu paiz!

O 1.^o sargento Albuquerque fica contentissimo conseguindo que oito homens da sua turma façam um bom exame de cabo. O sr. tenente Antunes, da mesma forma. Ficaram todos boquiabertos quando hoje lhes li a sua carta, sr. padre Lobato.

E se v., sr. redactor, me der licença, farei n'outra carta umas considerações que me faltam.

Com a maior consideração,

De v. etc.

Francisco Manuel Homem Christo.

Coimbra, —1—12—1904.

Inspecção aos reservistas

No dia 8 do proximo mez de janeiro terá lugar a revista d'inspecção annual aos reservistas da 1.^a e 2.^a reserva, domiciliados na freguezia da Senhora da Gloria, d'esta cidade, devendo para esse fim reunirem-se os reservistas na sede do Districto de Reserva, ao Rocio.

Os carreiros do sal

Mereceu a approvação de toda a gente sensata a noticia que aqui demos das barbaridades praticadas pelos carreiros do sal para a estação do caminho de ferro, com os gados e mercadorias.

Noticia e pedido de providencias.

E mereceu approvação por que não ha ninguem que tenha transitado pelo americano que as não tenha presenciado, e mais, ao que nos informam, derrubarem os marcos de pedra que se acham margeando a mesma estrada, e cá em baixo, uma vez por outra, arvores e tapumes de madeira que também alli se encontram.

A policia tem restricta obrigação de olhar por estas cousas e reprimir os abusos dos carreiros, multando-os quando se tornarem precisos.

BILHAR

VENDE-SE um ainda em muito bom uso com todos os seus accessorios. Quem pretender dirija-se a Joaquim Ferreira Felix, Aveiro.

Na sua conferencia—segundo o extracto do *Mundo*—disse o sr. Brito Camacho que entendem alguns que a questão religiosa deve ser posta de parte; que entendem outros que a sua importancia é primacial.

Ora os que entendem que a questão religiosa deve ser posta de parte são simplesmente idiotas. Ou elles sejam cavadores de enchada, ou sejam conselheiros. Ou sejam alphabets, ou sejam lentos da Universidade.

Poder-lhes-hia chamar simplesmente ignorantes. O sr. Brito Camacho disse, e disse muito bem, que os maiores ignorantes d'esta terra são exactamente aqueles que se julgam cultos. Mas se eu lhes chamar simplesmente ignorantes fico áquem da verdade e da justiça.

Idiotas, é que elles são! Porque para se conhecer que a questão religiosa é uma questão de importancia capital basta olhar em volta de nós, e vêr.

Idiotas, todos. Mas ultra idiotas os que se dizem cultos. Ultra idiotas!

O sr. Brito Camacho sustentou que o alphabetismo é a causa principal da baixa dos povos e que é essencialissima para a victoria da causa republicana a resolução do problema da instrução. Pois bem. Se isso é assim, basta para condemnar a religião, em geral, e a religião catholica, em particular. Toda ella tem sido contraria á sciencia. Toda ella tem considerado heretico o saber. Mas a religião catholica, a tal que os patriotas querem que se ponha de parte, sobretudo. Ao menos a religião protestante não difficulitou, antes favoreceu, o derramamento da instrução popular.

Consultando as melhores estatisticas, vemos que são exactamente as nações catholicas as que contem mais alphabets. Em 17 dos reinos, grão-ducados, ducados, constituem o imperio allemão, nao ha um unico alphabeto. E nos restantes não chega a haver meio por cento. A percentagem em todo o imperio é de cinco centesimos. Mas os poucos alphabets que ha são de provincias onde domina a religião catholica.

Na Suissa succede a mesma coisa. A percentagem é de 13 centesimos. Os poucos alphabets que existem, onde apparecem? Nos cantões catholicos.

A Escocia tem 2 por cento. A Irlanda tem 8. A Suecia e a Noruega tem 8 centesimos. E a Dinamarca 20 centesimos. Mas a Belgica já tem 10 por cento. A Austria 36 por cento. A Hungria 48 por cento. A Italia, 33 por cento. A Hespanha 69. A Russia, que tem a Polonia catholica lá dentro, e que está toda ella sob a influencia reaccionaria, 62. Em Portugal, não se fala!

Pois estes algarismos não são eloquentissimos? Quem é o idiota que, dizendo-se culto e republicano, pôde sustentar, á face d'elles, que a questão religiosa deve ser posta de parte?

Quem?

Isto é, nós estamos agora aqui a fazer perguntas tolas. Porque, afinal, sabemos muito bem quem elles são. E os leitores do *Povo de Aveiro*, se teem seguido com attenção os artigos politicos d'esse semanario, conhecem-nos tão bem como nós. Alguns, os mais culminantes, pelo menos.

A questão religiosa deve ser posta de parte! Assim fizeram os republicanos francezes. E o resultado, vê-se.

Mas se a importancia da questão religiosa é primacial, como entende o sr. Brito Camacho, não se pôde levar a transigencia até onde o sr. Brito Camacho a defende. E' um erro politico. E' uma incoherencia. E' uma contradicção. E nunca sahimos d'esse terreno. Fazemos por um lado, e desfazemos pelo outro.

Como já dissémos, não queremos que se elimine Deus por meio d'um decreto. Não queremos que se enforcem os devotos. Não queremos impôr o atheismo por nenhum meio violento. Mas por isso mesmo que n.º queremos recorrer senão á propaganda, é que achamos funesto que se aconselhe a transigencia com o preconceito religioso da mulher.

Ora valha-nos Deus. Vá lá esta phrase, não por ser religiosa, mas por ser significativa.

Todas as tentativas de emancipação da Igreja serão uma burla, enquanto se não dispensar a mesma Igreja. Que me importa a mim que os *amiguinhos* se digam inimigos da Igreja, se elles recorrem a ella para os actos mais importantes da vida?

Isso é apenas uma indignidade. E n'isto concorda o sr. Brito Camacho.

São livres pensadores. Mas casam-se catholicamente. Baptizam os filhos catholicamente. E enterram-se catholicamente!

Ora que vão bugiar.

Este é o termo. Não ha outro.

Porque se não ha-de transigir com a mulher na maneira de registrar o nascimento e a morte dos filhos, depois de se ter transigido com ella na maneira de casar? Uma coisa importa a outra. Ou então praticou-se uma traição, uma infamia, uma torpeza. Quiz-se agarrar a desgraçada, para a torturar depois. Praticou-se, além d'uma infamia, um acto anti-social, porque toda a discordia familiar representa um prejuizo grave para a sociedade.

Pois quê? Pois a dama ha de ter reluctancia a casar civilmente, porque Deus não abençoa a sua ligação com um homem, e não ha de ter reluctancia em deixar o filho *moiro*, ou em o mandar, quando morre, de presente ao diabo?

Tem. Necessariamente. Muito mais reluctancia. Ou, então, é uma creatura abominavel. Safada, e vil.

O sr. Brito Camacho arranjou uma formula de conciliação para o casamento. Não se violenta a consciencia da mulher. Vai-se á Igreja, sciencia do homem. Os dois vão á administração do concelho, depois de terem ido á Igreja. Muito bem. Isso não parece obra do sr. Brito Camacho. Parece obra do Hintze Ribeiro. Cheira a constitucionalismo que tresanda. E a constitucionalismo da decadencia. Mas muito bem, muito bem. Supponhamos por um instante que a formula é excelente.

Que outra formula de conciliação nos arranja o sr. Camacho para o registo do nascimento e do obito?

Ah, meu caro senhor, eis o perigo d'enveredar por atalhos! De procurar harmonisar a verdade e a mentira! De querer agradar a Deus e ao Diabo! Até um homem de talento chega, por instantes, a confundir-se com um tolo!

Deixemos para sempre esses processos de bacoque universal. De insignificancia politica, comuns a todos os liberaes da Europa depois da grandiosa, luminosa, fulgurante Revolução. Não mais houve homens. Não. Não houve. Pois bem. E' tempo de os haver. Já vão passados mais de cem annos. Tempo demasiado para estarmos de joelhos, e de pulsos atados, deante de todos os preconceitos e erros que, em poucos mezes, só, fugiram espavoridos deante de meia dúzia de homens. Recuperemos a audacia de pensamento que libertou o mundo. Nunca mais a tivemos, e o mal todo foi esse. Nós somos indignos d'essa Revolução de que nos dizem filhos. Filhos tacanhos, miseraveis, indignos, que a toda a hora fazemos o jogo dos que a odiaram. Filhos indignos, que nunca mais soubemos senão perfilhar as injurias, as calumnias, as infamias, as mentiras contra ella forjadas e arremessadas pelos seus inimigos. Filhos tacanhos, com terror da propria mãe. Filhos miseraveis, que dizendo-nos revolucionarios não temos feito senão politica contraria á da Revolução. Filhos idiotas, fi-

lhos ridiculos, que temos tido a petulancia extrema d'olhar com sarcasmo, com desprezo, a obra dos *jacobinos*, da qual desdenhamos a todo o instante,—a tanto chega o arrojo da insignificancia!—sem repararmos em que lavramos perante a posteridade uma sentença de troca, que é peor ainda que uma sentença de ignominia.

Já me parece sentir aos ouvidos essa gargalhada desprezadora dos que hão de vir!

A. B.

LIVROS

Ao Tanger dos Simos, uma série de contos e lendas encantadoras, de Emilio Gebhard, traducção de Eduardo de Noronha.

Leitura leve e moralisadora. *Ben-Hur*, de Lewis Wallace, romance admiravel, de contextura historica, no genero do *Quo Vadis*.

Avós Ilustres, de João d'Andrade, bella prosa portugueza, de incontestavel merecimento, que não hesitamos em a recomendar.

Todas estas obras são da casa editora França Amado, de Coimbra.

E' nosso systema não registrar livros, quando não gostamos. Simples registo por agradecimento, não fazemos.

As poucas palavras de louvor aos livros mencionados representam toda a nossa opinião.

São dignos de ser lidos.

Quereis ter uma bicyclete distincta em solidez, elegancia e leveza? Comprea

A OSMOND

A HYGIENE PUBLICA

REVELAÇÕES GRAVES

A' hora que traçamos estas linhas deve ter chegado ás mãos do sr. delegado de saude o processo que na inspectoría geral terá sido instaurado, pela communicação que directamente lhe foi feita, acerca da morte da desastrosa creança que atacada pela diptheria, não houve sóro, para as injectões, por a delegacia de saude não o ter, nem querer saber se o havia, como lhe impõe a lei.

Sempre desejamos ver se o sr. delegado de saude, procederá da mesma forma com as instancias superiores, como com o facultativo, com quem o caso se passou, que communicando-lhe o acontecimento, o sr. delegado de saude não se dignou responder.

E francamente não vale a pena encomodar-se com futilidades taes!

O dinheiro, a vida, os filhos, a familia do sr. delegado de saude, isso sim, isso tem muito valor, a dos outros, que é isso?

Não havia sóro, e a creança falleceu? Que tem d'extranho o caso?

Faz-se o pagamento em dia e recebe o sr. delegado de saude os seus vencimentos com pontualidade? Perfeitamente bem. Mas o sr. delegado de saude não cumpre com os seus deveres, não tem sóro para salvar as creanças dipthericas, não faz uma visita sanitaria, não ordena uma desinfecção, não faz absolutamente nada em harmonia com as suas funções, que o desempenho do cargo (!) e a lei lhe impõe —e que tem isso?

Nada de preoccupar-se com ninharias!

O sr. delegado de saude no seu velho e aliás muito louvavel costume affirma que nada tem com essas coisas!

Isso é com o sub-delegado!

Mas este por sua vez não quer ou não pôde attender ás exigencias do seu cargo; a lei no seu n.º 2 do art.º 76, ordena que os delegados de saude: dirijam e fiscalisem o serviço dos sub delegados, assegurando-se do cumprimento dos seus deveres e attribuições; no n.º 5 do mesmo artigo manda que o delegado de saude avise o governo civil e a inspectoría de qualquer facto extraordinario—; mas o sr. delegado de saude nada d'isto cumpre,

nada d'isto se importa, sae da sua residencia official, sem que ninguem o substitua no seu cargo, morre uma creança victima da diptheria, por falta de sóro—tudo isto é afinal motivo que desperte reparos? Certamente não.

Exigencias ao sub-delegado, eram só feitas ao sr. dr. Eduardo de Moura, quando desempenhou aquellas funções, e tantas e tão rigorosas, que aquelle cavalheiro, percebendo o intento do sr. delegado de saude, alma nobre e coraçao sempre aberto, claro e franco, a todas as boas intenções e accões, fez-lhe a vontade demittendo-se!

O sr. delegado de saude não pôde imputar ao sub-delegado a exclusiva responsabilidade de todo o tristissimo sudario do serviço sanitario.

E não pôde porque a lei lhe impõe a restricta obrigação de observar e fiscalisar, alem da responsabilidade moral que lhe cabe pelo bom ou mau serviço, a que elle preside!

Não havia sóro, e tanto o não havia que foi expedido dias depois da morte da creança de Lisboa para a sub-delegacia, e facil é verificar a data da requisição com a data da expedição.

Ha responsabilidade da parte do sub-delegado? E porque a não ha de haver, e dupla, da parte do delegado, que é o fiscal, sendo o grau da sua responsabilidade na razão directa da gravidade das suas funções?

Mas alguem ha de ter a responsabilidade pela morte d'essa creança, e se a inspectoría não conseguir fazer alguma cousa, como consecuencia de identico processo usado na questão de Castello de Paiva, a justiça ha de conseguir descobrir o criminoso, responsavel pela morte da desventurada creancinha, que pagou com a vida a incuria e relaxação unica a que chegaram aqui os serviços sanitarios, á frente dos quaes, por ventura nossa, está o sr. delegado de saude, tão afamado como sábio clinico.

E' o que se está vendo!

Tinhamos acabado de escrever o nosso despretençioso artigo quando nos chegou ás mãos o *Campeão*, que, referindo-se á saude publica, pinta assim o quadro que reproduzimos, como complemento e insuspeito testemunho de verdade, sobre o que ha muito aqui vimos apontando. Diz assim aquelle jornal:

«Impõe-se ás autoridades locais a necessidade de tomarem prompta resolução. Que se evitem os grandes males que de tão proximos visinhos podem vir pelo contagio, pela incuria em que temos permanecido, pelo tambem mau estado hygienico em que se encontra a nossa terra, tão carecida de limpeza e tão alheia de precauções sanitarias. As ruas são atoleiros; os bicos depositos nocivos, que preparam focos infectuosos; as valas vão arrastadas de detritos; as aguas, inquinadas de forma que já se não bebem sem precauções; o leito da ria exhala miasmas na baixa-mar; e até ha ahí casas, mesmo no centro da cidade, onde os animaes fazem parte da familia e vivem n'uma communidade repugnante com ella. E' medonho!

E ninguem olha com attenção pelo estado sanitario da cidade, que tanto deixa a desejar.»

Ahi fica, por pessoa insuspeita, a confirmação de quanto aqui temos exposto.

Appelar para o sr. delegado de saude é inoportuno e é tempo perdido!

Tempo não lhe chega para andar por ahí n'uma furia doida mendigando votos para a proxima eleição do monte-pio, por lhe constar propôr-se um grupo de honrados cidadãos, para a direcção d'aquella casa, que pretende desdobrar o serviço medico, por outros facultativos, o que aliás é sensato e muito justo.

São cem mil reisinhos que se vão por agua abaixo!

Salve-os, sr. delegado de saude, salve-os e deixe morrer quem morre!!!

UM SEU LEITOR.

«POVO DE AVEIRO»
Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

3 de dezembro.—A intenção de policia, por ordem da regencia monarchica, publica um edital em que accusa os liberaes de traidores á patria, convidando os cidadãos a espionarem-se, denunciarem-se e armarem-se uns contra os outros, 1809.

Em nome do Comité de Salvação Publica, 1793, Robespierre faz votar a Resposta da Convenção Nacional aos manifestos dos reis colligados contra a Republica. Nella faz realisar, com razão, sobre os reis da Europa, sobre os emigrados, sobre todos os inimigos da Revolução, a responsabilidade das medidas de rigor, que se viam obrigados a tomar. Dirigindo-se aos povos europeus sobre a questão religiosa, diz-lhes:

«Dizeis-vos os vossos senhores que a nação franceza proscreev todas as religiões, substituindo o culto de alguns homens ao culto da Divindade. Pintou-nos aos vossos olhos como um povo insensato ou idolatra. Mentem. O povo francez e os seus representantes respeitam a liberdade de todos os cultos e não proscreevem nenhum. Honram a virtude dos martyres da liberdade sem afogamento e sem idolatria; aborrecem a intolerancia e a superstição, sejam quaes forem os pretextos com que se encubram; tanto condemnam as extravagancias do philosophismo, como as loucuras da superstição, como os crimes do fanatismo.»

A Convenção decretou que esta Resposta, recebida com o maior entusiasmo, classificado de sublime por Camille Desmoulins, fosse traduzida em todas as linguas, espalhada por todo o paiz, lida, em cada decada, pelos officiaes municipaes ou presidentes das seções.

Na mesma sessão, Barère, em nome do Comité, propoz um decreto para estabelecer a liberdade religiosa, e, por consequencia, para proteger o catholicismo. Robespierre defendeu-o com energia e eloquencia.

6 de dezembro.—Robespierre lê pessoalmente o projecto de decreto proposto por Barère na sessão anterior e que foi adoptado n'estes termos:

«A Convenção nacional, considerando o que d'ella exigem os principios que ella proclamou em nome do povo francez, e a conservação da tranquillidade publica, decreta:

Art. 1.º—São prohibidas todas as violencias ou medidas contrarias á liberdade.

Art. 2.º—A vigilancia das autoridades constituidas e a acção da força publica limitar-se-hão, n'este ponto, ás medidas de segurança e policia.

Art. 3.º—A Convenção, com as disposições precedentes, não pretende abolir, de maneira nenhuma, as leis repressivas, nem as precauções tomadas contra os padres refractarios ou turbulentos, ou contra todos aquellos que tentem servir-se do pretexto da religião para comprometter a causa da liberdade.

Não pretende tambem fornecer, seja a quem fôr, o minimo pretexto para inquietar o patriotismo e affrouxar a expansão do espirito publico.

A Convenção convida todos os bons cidadãos, em nome da patria, a absterem-se de todas as disputas theologicas ou extranhas aos grandes interesses do povo francez, concorrendo com todos os seus meios para o triumpho da Republica e para a ruina dos seus inimigos.»

O Comité de Salvação Publica fez imprimir 50:000 exemplares d'este decreto, espalhou-os por toda a parte, recommendando a sua execução, já por notaveis circulares ás sociedades populares e ás autoridades constituidas, já por cartas individuais dirigidas aos representantes em missões e cujo zelo anti-christão lhe parecem mais particularmente opposto á politica nova.

«Era impossivel, escreve Aulard, prestar então ao catholicismo um serviço mais efficaz: o governo salvava-o. Teve mesmo o cuidado de o proteger contra as injurias, tão terrivelmente prejudiciaes, do theatro, e prohibiu as peças anti-religiosas.»

Pois nem mesmo assim o catholicismo se deu por contente, continuando a sua guerra atroz á Revolução.

7 de dezembro.—E' dissolvido, 1828, por ordem do governo inglez, o deposito de emigrados liberaes portuguezes em Plymouth.

A formação d'este deposito proveio do mallogro da revolução liberal, que rebentou em Aveiro na manhã de 16 de maio de 1828, e secundada pelo Porto, Coimbra, e outras terras do paiz. Depois da batalha da Cruz de Moroiços e da batalha do Vouga as tropas liberaes retiraram sobre a Galiza, bem como muitos paizanos que fizeram causa commum com ellas. Convencidos de que encontrariam melhor acolhimento na Inglaterra, do que na Hespanha, onde foram recebidos e tratados cruelmente, os pobres emigrados dirigiram-se áquelle paiz, onde se juntaram com outros fugidos de varios pontos de Portugal, constituindo todos, um numero superior a 3:000, o deposito aquartelado no celebre barracão de Plymouth. Aqui, n'este famoso casarão, junto do mar, roto por todos os lados, deixando entrar o vento, o frio, a chuva, accumulados n'uma grande immundicie, passaram os desgraçados liberaes as maiores misérias, as mais tristes inclemencias.

Ao mesmo tempo, Palmella, Candido José Xavier e outros magnates do liberalismo, levavam em Londres vida regalada, consumindo os empréstimos e subsidios contrahidos e vedidos á causa liberal.

Wellington, que era um feroz reactionario, e que então presidia ao ministerio inglez, não descansou enquanto não dissolheu o deposito dos emigrados e não fez sahir de Inglaterra os infelizes, que se dirigiram aventurosamente para a ilha Terceira.

E' fuzilado em Paris, 1815, na avenida do Observatorio, o heroico marechal Ney, duque d'Elchingen, principe de Moskowa, uma das grandes glorias do exercito francez durante o periodo da Republica e de Napoleão.

Ney, que fez parte do exercito francez que invadiu Portugal em 1810, revoltou-se com as tropas do seu commando a favor de Napoleão, quando Luiz XVIII já reinava em Franca. Na sua proclamação dizia:

«A causa sagrada da liberdade e da nossa independencia não mais sentirá a influencia dos Bourbons. Quizeram aviltar a nossa gloria, mas enganaram-se. Essa gloria é o fructo de nobilissimos trabalhos para que possamos nunca esquecer-nos d'ella.

Soldados! Já lá vão os tempos em que se governavam os povos abafando todos os seus direitos.»

Vencido em Waterloo, foi preso, julgado pela camara dos pares e condemnado á morte.

Na manhã de 7 de dezembro, depois de lhe terem permitido dizer a seus filhos o ultimo adeus, foi conduzido ao logar do supplicio. Aqui, ao tentarem vendar-lhe os olhos, o marechal exclamou:

«Pois que? Não sabeis que durante 25 annos encarei sempre de frente as balas d'espingarda e as balas de canhão?»

Depois, abrindo a farda e afastando a camisa, para que o ferissem em pleno coração, gritou em voz sonora e firme:

Viva a Franca!

A segunda republica resolveu, logo que foi proclamada, mandar-lhe elevar uma estatua. E ella lá está, como protesto á violencia d'um governo reactionario!

8 de dezembro.—Pio IX, reunindo em Roma, não um concilio ecumenico, mas um simples grupo de bispos doces, proclama, apoiado unicamente na sua autoridade pontifical, o dogma da Immaculada Conceição da Virgem Maria, 1854.

O mesmo papa publica, 1864, a celebre encyclica Quanta cura, seguida do Syllabus, que a resumia sob a fórma de 80 proposições, denunciadas ao mundo catholico como impias ou hereticas.

Um ou outro protesto se fez ouvir, contra esses attentados á razão e á dignidade humana, no elemento clerical, mas esses protestos isolados quasi que ficaram sem echo na Igreja.

Inaugura-se o seminario de jesuitas em Sernache do Bomjardim, 1855, a fim de habilitar missionarios para o ultramar, onde tudo era preciso, menos jesuitas.

9 de dezembro.—E' affixado nas esquinas de Lisboa 1758, um decreto, em que se conta a o attentado commettido contra a vida de D. José na noite de 3 de setembro d'esse anno, ao mesmo tempo que se expunha ao publico, na cocheira do Paço, a carruagem onde elle ia quando lhe dispararam os tiros.

Morre em Lisboa Almeida Garrett, 1854.

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu no Porto, a 4 de fevereiro de 1799. Era filho de Antonio Bernardo da Silva d'Almeida Garrett e de D. Anna Augusta Leitão. A invasão franceza obrigou a familia a sahir do Porto para Lisboa e depois para a Ilha Terceira, onde o poeta viveu desde 1810 até 1814, partindo n'este anno para Coimbra, a cursar a Universidade. De origem agoriana por parte de seu pae, foi nos Açores que começou a sua educação intellectual, junto de seus tios, D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, bispo de Angra, Manuel Ignacio e Ignacio da Silva, um arcediogo e outro conego d'aquella Sé e ainda do hellenista terceirense Joaquim Alves. D'essa fórma apprendeu latim e grego, em que era profundo.

Em Coimbra den-se Garrett á composição de odes, sonetos, fabelas e poemets anacreonticos, redigindo tambem algumas proclamações revolucionarias. Entre os seus sonetos, compostos então, é notavel o que fez sobre a morte de Gomes Freire, vaticinando a proxima lucta e o triumpho das idéas liberaes. Este soneto indispolo com a familia, reactionaria, e sobretudo com o bispo de Angra, que por tal motivo o desherdou, em castigo do seu jacobinismo.

Em 30 de junho de 1820 recebeu Garrett o grau de bacharel em direito. Quando a gloriosa revolução de 24 d'agosto d'esse anno foi celebrada nos Outeiros poeticos da sala dos capellos, em 22 de novembro, Garrett, ainda então em Coimbra, affirmou de novo o seu amor á liberdade recitando uma ode.

Em 11 de novembro de 1822 casou-se com Luiza Midosi, da qual, mais tarde, veio a separar-se. Já então havia escripto O Cabão, escrevendo em seguida o Retrato de Venus, que foi sequestrado e inscripto, pelo patriarcha de Lisboa, no numero dos livros prohibidos.

Tendo rebentado e triumphado a contra-revolução de Villa Franca de Xira, em 1823, Garrett emigrou para Inglaterra. Ahí passou misérias, conseguindo, ao cabo de muitos esforços, arranjar um pequeno emprego n'uma casa commercial do Havre, para onde se transportou.

Em 1824 escreveu o Camões e principiou o Cancioneiro. Em 1826 regressou a Portugal, amnistiado. Em 1828, depois do regresso de D. Miguel, emigrou novamente para Inglaterra e ahí escreveu Portugal na balança da Europa, o Tratado d'educação e outros. Mais tarde passou aos Açores, alistando-se no batalhão academico, que acompanhou para o Porto, onde desembarcou com os seus camaradas, batendo-se valentemente pela causa liberal. Durante o cerco escreveu o 1.º volume do Arco de Sant' Anna.

Depois do triumpho da causa liberal foi nomeado embaixador na Belgica, regressando a Lisboa em 1836, por occasião da revolução de setembro. Entrou então energeticamente na politica, como jornalista e deputado, obtendo de Passos Manuel a criação d'um theatro nacional e d'um conservatorio, escrevendo, entretanto, Um auto de Gil Vicente e A sobrinha do marquez. Com os Cabraes foi demittido de conservador das escolas de declamação do Conservatorio e de inspector geral dos theatros. E tendo sido até este momento um liberal sincero e honesto, combatendo sempre na vanguarda do liberalismo, cahiu na vinagreira com o advento da Regeneração, fazendo-se visconde depois de ter ridicularizado os titulos nobiliarchicos, fazendo-se palaciano depois de ter defendido a soberania

do povo pela qual soffreu o desterro, a prisão e muitas inclemencias, emfim tornando-se um dissoluto como quasi todos os politicos do seu tempo.

E chegamos sempre a esta conclusão na raça portugueza. Tudo transige, tudo succumbe. Incoherencias continuas, sejam quaes forem os homens que tenhamos d'estudar.

10 de dezembro.—E' condemnado á morte Bazaine por traidor á patria e covardia em Metz, em conselho de guerra presidido pelo duque d'Aumale, 1873.

Este tratante, feito general na Crimea, e marechal depois da campanha de Italia, começou a denunciar o seu pessimo caracter no Mexico, onde comprometteu gravemente o infeliz Maximiliano. Commandante do exercito de Metz, entabou negociações secretas com o inimigo, no intento de ser regente de imperio, derribando a republica. Havendo feito a vergonhosa capitulação que se conhece, foi pronunciado, julgado e condemnado á morte. Mac-Mahon, porém, que era então presidente da Republica commutou-lhe a pena em 20 annos de prisão, acto de vergonhosa cumplicidade que, para cumulo de torpeza, se não limitou a isso. Na noite de 9 para 10 de agosto de 1874, Bazaine evadiu-se do forte da ilha de Santa Margarida, onde o tinham encerrado, evasão que só ponde levar a cabo protegido pelos carcereiros, que receberam ordem para lhe conceder todas as facilidades. Eram os generaes todos do imperio a provar uma infame cumplicidade com o traidor.

11 de dezembro.—E' fuzilado Torrijos, 1831.

José Maria Torrijos, general hespanhol, foi um dos mais illustres caudilhos do partido liberal em Hespanha nos principios do seculo passado. Lançado nos carceres da inquisição como réo de conspiração contra o throno e o altar, esteve preso até á revolução liberal de 1820. Solto depois d'ella, ministro da guerra com o novo regimen, emigrou para Inglaterra quando foi restabelecido o governo absoluto, passando privações de toda a ordem. Ao rebentar a revolução de 1830, dirigiu-se a Gibraltar. Iludido pelo general Moreno, governador de Malaga, que lhe prometteu auxilio, sahio de Gibraltar acompanhado apenas por 50 homens, confiando em Moreno. Este canalha, porém, que só pensava em atrahi-lo, prendeu-o e aos 50 infelizes que o acompanhavam. Perguntando para Madrid o que havia de fazer aos prisioneiros, recebeu em resposta: «Fuzile-os.»

Assim fez, em 11 de dezembro de 1831.

Grande canalha!

THEATRO AVEIRENSE

Tivemos ahí duas noites regularmente passadas.

As quatro bailarinas húngaras que nos visitaram atrahiram no primeiro dia de espectáculo bastante gente ao theatro, mas como esperavam coisa muito superior arrefeceram por completo para o segundo.

E' que os magandos só gostam do que é bom em grau superlativissimo, á Burnay.

Questões de vista...

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	1\$000
» encarnado.....	1\$100
» manteiga.....	1\$000
» amarelo.....	1\$000
» misturado.....	800
» caraça.....	1\$100
» frade.....	750
Milho branco.....	800
» amarelo.....	780
Trigo gallego.....	1\$180
» tremez.....	900
Cevada.....	700
Centeio.....	700
Batatas, 15 kilos.....	450
Ovos, duzia 240, milheiro...	2\$000

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Comprae a bicycleta—A OSMOND

A RIR

Um professor, indignado contra os discipulos por causa de certas liberdades d'estes no tocante á questões de disciplina, exclama em tom severo:

—Se os senhores imaginam que são aqui o mesmo que eu, não passem d'uns grandissimos alarvés.

Calino entra n'um restaurant, pega n'um palito, espalita os dentes e torna a collocar-o entre os outros, no paliteiro.

—Que está o senhor a fazer?... perguntalhe um creado.

—Tornei-o a pôr no seu logar porque não gosto de levar nada dos estabelecimentos onde entro.

Acção louvavel

A direcção da «Sociedade Recreio Artístico», d'esta cidade, ne louvavel empenho de minorar no dia de Natal a miséria na lareira dos pobresinhos, resolveu dirigir-se a diversos cavalheiros implorando-lhe o seu auxilio para levar á effecto a distribuição de um bôdo n'esse dia e que constará de pão, vinho, arroz, carne, e tambem algum dinheiro.

E' de presumir, attendendo ao fim altruista da petição, que ninguém se negue a concorrer para tão sympathico fim.

Quereis possuir a melhor bicyclet do mundo? Comprae A OSMOND

Inauguração

Parece que vão ser bastante lusidas as festas da inauguração do retrato do sr. conselheiro José Luciano.

Para isso trabalham afanosamente. A banda da Guarda Municipal de Lisboa deve chegar na proxima terça-feira á noite, a fim de tomar parte na festa de inauguração.

O Vintem das Escolas

Recebemos o ultimo numero d'este periodico, cujo summario é o seguinte:

Livros de ensino civico, Fêio Terenas.—O ensino religioso nas escolas, Paulo Bert.—Boa doutrina. A Nossa Galeria com a gravura do 7.º grão mestre da maçonaria portugueza.—A sua Oração de Sapiencia, Dr. Bernardino Machado.—Pequena Tribuna.—O Coração, E. Amicis.—Variedades.

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Comprae a bicycleta

A "OSMOND,"

Commissão

A Lisboa foi d'aquí uma commissão de cavalheiros para pedir a comparsencia do sr. José d'Alpoim ás festas da inauguração do retrato do sr. conselheiro José Luciano.

A quella commissão foi-lhe promettido diversos melhoramentos para Aveiro, estimando nós que essas promessas se convertam em factos.

UMA LEMBRANÇA APENAS

JOAQUIM Ferreira Martins, (o Gafanhão), vem pedir aos seus illustres freguezes, e ao publico em geral, que não se esqueçam de fazer as suas encomendas dos bons gabões feitos n'este estabelecimento, tanto no bom acabamento do trabalho como em fazendas.

Em preços ninguem os faz mais baratos em Aveiro.

Rua da Costeira

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura*—16.^a ed., cart. 300 réis, broch. 200
- Album*, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5,5000
- Quadros Parietaes*, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6,5000
- Segunda parte—Os Deveres dos Filhos*—16.^a ed., cart., 300 réis, broch. 200
- Guia prático e theórico da Cartilha Maternal*—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos. 160

ESCRIPTA

- Arte de Escripção*—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sobre o Método

- A Cartilha Maternal e o Apostolado* 500
- A Cartilha Maternal e a Crítica* 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

- Campo de Flôres*—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed. 700
- Prosas*—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municípios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Depósito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 colleções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 colleções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Depósito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ACABA DE SAHIR:

PÃO NOSSO

ou

Leituras Elementares ou Encyclopedicas

por TRILIDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 paginas, adornado de innumerables e admiraveis estampas, em optimo papel, contendo noções elementares sobre variados ramos de conhecimento, e o resumo de todas as disciplinas que se estudam na escola primaria. E' o livro *post-escolar* por excellencia, indispensavel a todos, por ser formado d'aquella serie de conhecimentos, que é imperdoavel—vergonhoso até!—não possuir.

Preço, brochado 500 réis, cartonado 600 réis.

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242, 1.^o—LISBOA.

E em todas as livrarias.

BAGAÇOS ALIMENTAES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS

AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.^a qualidade, a 7,20 réis cada kilo; dito de 2.^a, a 4,80; chá, desde 1,600 a 3,600 o kilo; massas alimenticias de 1.^a qualidade, a 1,40 o kilo; ditas de 2.^a, a 1,20; vel'as marca *Sol*, cada pacote, a 1,80; ditas marca *Navio*, a 1,70; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.



DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falle qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito. RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estátua de JOSÉ ESTEVAM

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote), couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marseilha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUTTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, pannels de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 e 45—AVEIRO